

E. Badinter ou a arte da conciliação

XY, de l'Identité Masculine

BADINTER, Elisabeth.

Paris: Odile Jacob, 1992.

E. Badinter tem o dom de "captar as idéias no ar", misturá-las com suas numerosas leituras e assim produzir um livro de sucesso. Em 1980, ela publicava *L'Amour en Plus*, um panfleto contra a noção de "instinto materno" que o próprio movimento feminista contemporâneo já havia denunciado muitos anos antes. Em 1986, em seu livro *L'un est l'autre*, ela declarava, ao mesmo tempo, que "o patriarcado está morto" e que os papéis sexuais estavam em vias de desaparecimento, cedendo lugar a um novo tipo de indivíduo, andrógino¹. Naquela ocasião, ela encontrava inspiração tanto na ofensiva ideológica da direita e da esquerda oficial, para a qual o feminismo estava superado, quanto nos debates a respeito das novas técnicas de reprodução. Agora, E. Badinter se volta de maneira comovida para o gênero masculino, maltratado pelo feminismo que ela pretende continuar defendendo, e para a natureza que teria pregado aos homens a peça de fazê-los nascer do ventre de mulheres.

Para se tornar um homem, o menino tem de "convencer a si mesmo e aos outros de que não é uma mulher, nem um bebê, nem um homossexual". O livro é construído em torno dessa idéia simples. Ao longo dele, a autora nos descreve o terrível percurso, semeado de obstáculos, que o embrião masculino, depois o bebê, mais tarde a criança do sexo masculino e finalmente o homem adulto, devem seguir para encontrar sua "identidade masculina".

"Não se nasce homem; torna-se homem"

Em momento algum, E. Badinter faz uma reflexão sistemática a respeito das noções

1 *L'Amour en Plus* Paris Flammarion, 1980, *L'un est l'autre* Paris Odile Jacob, 1986, cf *Les Cahiers du Féminisme*, nº 37, outono de 1986

de "identidade masculina", de "masculinidade" ou de "qualidades masculinas" que ela emprega como sinônimos e sem o recurso das aspas². Somente no decorrer da leitura é que descobrimos uma definição implícita e eclética, formulada em duas dimensões. A primeira se refere à história das sociedades. Segundo a autora, todas as sociedades definem formas oficiais, embora diferentes, de marcar a passagem do mundo feminino para o mundo masculino. Entre os sambas e os baruias da Nova Guiné, por exemplo, os meninos, ao atingirem a puberdade, são violentamente arrancados de suas mães e submetidos a rituais de iniciação mais ou menos "bárbaros". Durante muitos anos, serão educados, na verdade reeducados, pelo grupo dos homens, na casa dos homens. Na Europa, sob o Antigo Regime, os jovens da nobreza partiam para conviver com famílias estrangeiras a fim de seguir sua educação como jovens senhores. Mais tarde, os liceus para rapazes assumiram a função de transmitir esses valores "viris" aos filhos das famílias respeitáveis. Finalmente, no século XX, são os movimentos de escoteiros e, principalmente, o desenvolvimento dos esportes coletivos³ baseados na violência e na competição que permitem fortalecer a virilidade dos rapazes prejudicada durante a primeira infância. Como lembra E. Badinter, a separação entre as esferas da produção e da família, entre o homem "provedor" e a mulher que educa, é a característica distintiva da sociedade industrial. Dessa maneira, o homem é afastado dos seus filhos, o que traz consequências particularmente terríveis, na opinião da autora, para os filhos do sexo masculino, que ficam sem um modelo de identificação digno deste nome.

Segundo Badinter, essas crianças, sufocadas pelas mães, correm então o risco

2 Esse trabalho de reflexão crítica foi realizado de modo extraordinário por N. Claude-Mathieu, ainda que não aceitemos na íntegra suas análises. Ver, *L'Anatomie Politique* Paris Côté-femmes, 1991

3 Muito admira que E. Badinter não faça a menor referência ao Exército, instituição integralmente consagrada à transmissão desses valores "viris" aos jovens

de não mais saber a que sexo pertencem⁴ ou de desenvolver uma extrema agressividade em relação às mulheres, misoginia e homofobia explicáveis pelo recalçamento de sua "porção de feminilidade". É o tempo do homem "duro". Mas, várias vezes na história, o homem machista teve suas certezas abaladas pelas feministas e pelos homossexuais. Hoje em dia, as novas mulheres não são apenas mães, mas pessoas ativas que reivindicam a divisão das tarefas domésticas, etc. O homem machista é substituído por um homem "culpado", um homem "mole", que "renuncia voluntariamente aos privilégios masculinos (...)", e que, ao mesmo tempo, renuncia à sua "masculinidade".

Uma concepção psicologizante da sociedade

A segunda dimensão relativa à masculinidade é de ordem psicológica. Esta é, aliás, a dimensão manifestamente mais importante para Badinter. No fim do livro, a autora anuncia o nascimento de um novo homem finalmente reconciliado consigo mesmo, que assume sua "bissexualidade", quer dizer, suas "qualidades femininas" indispensáveis para fazer dele um homem sem reservas, capaz de expressar suas emoções, amoroso para com os filhos etc., bem como suas "qualidades masculinas". "Já é hora", escreve E. Badinter, "de fazer o louvor das virtudes masculinas que não são adquiridas de modo passivo ou com facilidade, mas que se afirmam através de sacrifícios e exigências da vida. Essas virtudes se chamam domínio das emoções, desejo de auto-superação, prazer do risco e do desafio, resistência à opressão... condições necessárias para a criatividade, assim como para a dignidade. Essas virtudes pertencem aos seres humanos tanto quanto as virtudes femininas. As últimas conservam o mundo, as primeiras fazem retroceder seus limites (...) separadas, elas podem transformar-se em pesadelo: o autocontrole pode virar neurose, o prazer do risco pode tornar-se suicídio, a resistência pode dar em agressão. Inversamente, as virtudes femininas, tão exaltadas hoje em dia, se não

forem temperadas pelas virtudes masculinas, podem conduzir à passividade e à subordinação" (p. 277).

Depois dessa frase, quase nos perguntamos se não teria havido um engano. Qual nada! Nessa citação, E. Badinter torna explícito um conteúdo que perpassa de modo mais ou menos claro todo o seu livro: a assimilação entre o feminino e a passividade, o masculino e a atividade, num retorno aos antigos estereótipos da ideologia patriarcal conforme conceituada por Freud e mais ainda por seus discípulos. Esses preconceitos são os mesmos que ela havia denunciado, como outras o fizeram antes dela, em seu livro *L'Amour en Plus*. Como justifica Badinter tal assimilação? Fazendo-a simplesmente derivar daquela primeira fase de fusão entre o feto e a mãe, ao longo dos nove meses da gravidez, e mais tarde entre o bebê e sua mãe durante os primeiros meses de vida: "Essa primeira relação erótica (a amamentação, nota de J.T.) ensina ao bebê o nirvana da dependência passiva e deixará traços indelévels no psiquismo do adulto. Mas as consequências da experiência não são as mesmas para os meninos e as meninas. Para estas, a experiência está na raiz de sua identificação com o próprio sexo, enquanto que para o menino ela é uma inversão dos papéis posteriores. Para se tornar um homem, o menino deverá aprender a se diferenciar da mãe e a recalcar no mais fundo de si mesmo aquela deliciosa passividade" (p. 75-76). Para se tornar uma mulher, a menina deveria, ao invés, cultivar tal passividade? Qual a referência da noção de "papéis"?

A autora não responde a essas perguntas; ao contrário, ela insiste por diversas vezes na idéia de que "a masculinidade" é um aprendizado longo e doloroso, enquanto que a "feminilidade" está inscrita no desenvolvimento "natural" da menina. Em apoio à sua tese, a autora cita a frase de Guy Corneau, de 1989: "Em outras palavras, as menstruações que possibilitam à adolescente ter filhos fundamentam sua identidade feminina; trata-se de uma iniciação natural que a leva do estado de menina para o estado de mulher; no homem, ao contrário, um processo educacional deve substituir a natureza" (p. 108).

Uma abordagem essencialista

Nós discordamos dessa concepção "naturalista" do desenvolvimento da meni-

4. Na página 94, E. Badinter faz menção ao escritor Phillip Roth que, aos quatro anos "mal sabia a que sexo pertencia". Ora, Roth descreve exatamente o contrário, recordando suas primeiras emoções sensuais quando sua mãe vestia as meias

na em "mulher". A passagem não é nada simples, como bem demonstrou Christiane Olivier, embora sem citar Badinter⁵. Enquanto que, desde cedo, o sexo do menino é valorizado (inclusive acariciado) pela mãe e as pessoas que o cercam, o sexo da menina não existe. Ela é - ou, pelo menos, era até muito recentemente - uma criança amada, mas assexuada (exceto nos casos de agressão sexual que C. Olivier tende a esquecer). Com a chegada das regras, a menina entra de modo brutal no mundo das mulheres, esses seres desejáveis, estando "destinada" socialmente a ser um objeto sexual e, mais tarde, mãe. Se a passagem fosse assim tão simples, por que razão muitas adolescentes se tornam anoréxicas exatamente no momento da puberdade?

Tomar consciência de sua identidade sexual não é só tomar consciência da diferença entre os órgãos genitais. Nesse ponto concordamos com E. Badinter. A consciência da identidade sexual põe em ação complexos processos psicossociais. Mas não se trata, primeiro, de um processo psicológico, localizado na primeira infância e, depois, de um processo social, como deixa transparecer a própria estrutura do livro. A criança está mergulhada em um ambiente familiar socialmente codificado desde os primeiros meses de vida. Em uma sociedade patriarcal, todos nós assimilamos, consciente ou inconscientemente, as relações de poder estabelecidas entre o grupo dominante dos homens e o grupo das mulheres. Dentro dessa perspectiva, como se pode interpretar o fato de que apenas na página 128 E. Badinter afirma que o status de dominador "constitui a essência do sentimento de identidade masculina"?

A resposta se encontra na sua abordagem teórica. Embora ela o negue, apesar de sua denúncia do "mito pernicioso" do instinto materno e de sua defesa de "uma revolução paterna", E. Badinter mantém-se pre-

sa a um "essencialismo" que é, ele mesmo, prejudicial; não se poderia de outro modo explicar por que ela teria mantido, sem qualquer crítica, noções como as de "qualidades masculinas" e "qualidades femininas".

Propor a idéia de que o novo ser humano se construírá sobre a base de uma "união paradoxal" entre a "feminilidade" e a "masculinidade", é escamotear a questão da perturbação das categorias sexuais tais como funcionam ainda hoje. Se crianças dos dois sexos necessitam conquistar sua autonomia para se tornarem adultas, por que razão deveriam ser moldadas primeiramente segundo os esquemas de comportamento estereotipados que são especialmente adaptados a uma sociedade onde os homens continuam a dispor de numerosos privilégios, ainda que seu poder tenha sofrido um primeiro golpe?

O mérito de E. Badinter é o de estimular os homens heterossexuais a se interrogarem sobre seu medo de ser confundidos com mulheres ou com homens homossexuais, de popularizar a diferença entre "identidade" e "preferência sexual"; mas, em vez de convencer os homens a ir fundo neste medo, ela os tranqüiliza. Não é preciso renunciar às marcas da "virilidade". Basta compensá-las com uma pitada de "feminilidade". Não, é preciso subverter todo nosso sistema de referência (e, portanto, a divisão sexual e social do trabalho) e repensar nossos valores em termos de valores humanos, o que não é nada óbvio nesses tempos de guerra...

JOSETTE TRAT ■

(Tradução de Vera Pereira)

Este artigo deve ser publicado no número duplo 63/64 da revista *Cahiers du Féminisme*, primavera de 1993. Agradecemos à autora e aos *Cahiers* por terem autorizado gratuitamente sua tradução.

5. *Les Enfants de Jocaste*. Paris: Denoel-Gonthier, 1980.